



ENTRELAÇAMENTOS: ECOLINGUÍSTICA E BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Eduwesley Pereira da Silva – eduwesleysilva@gmail.com

Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-7809-7055>

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto – kiokoelza@gmail.com

Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2;
<http://orcid.org/0000-0002-0987-8448>

RESUMO: Há muito tempo, algumas correntes de pensamento de orientação racionalistas têm dominado a esfera do conhecimento de modo supremo. Na contramão disso, a Ecolinguística aparece como uma forma de resistência, se posicionando contrária à exploração do outro, ao individualismo e à unidade como agente constitutivo e inerente a tudo. Essa proposta epistemológica dialoga com valores ecológicos, baseando-se em preceitos da ecologia profunda, campo biológico cuja visão é inter-relação, valorização da diversidade e defesa da vida nas suas mais diferentes apresentações da concepção ecossistêmica. Assim, este artigo se propôs a demonstrar como três pressupostos ecolinguísticos: interação (inter-relação); diversidade e defesa da vida, aparecem no tópico Competências Específicas de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio da BNCC. O estudo seguiu orientação filosófica baseando-se nos princípios ecolinguísticos e em alguns estudos associados à Base Comum. Este trabalho se estruturou em abordagem metodológica documental. O corpus é composto por sete competências esperadas para o ensino de língua portuguesa, no Ensino médio, propostas na BNCC. Os resultados demonstraram que a Base apresenta, indiretamente, os três princípios ecológicos propostos neste artigo. Os fundamentos teóricos mobilizados foram COUTO (2007, 2015 e 2016) e NAKAD (2016). Acredita-se que o estudo aqui empreendido se revelou oportuno, visto há escassez de trabalhos que associam ensino e ecolinguística, o que colaborou para difusão de trabalhos na área. A pesquisa possibilitou ainda refletir sobre o alcance e a dimensão dos princípios ecolinguísticos em um plano concreto.

PALAVRAS-CHAVE: Interação; Diversidade; Defesa da vida e BNCC

INTRODUÇÃO

O trabalho tentou estabelecer uma articulação entre a ciência Ecolinguística e as práticas de ensino na atualidade, partindo do pressuposto de que o mundo contemporâneo está muito preocupado com questões ambientais, reavaliando atitudes socioeconômicas e práticas individuais. Por conta disso, acreditamos que esteja emergindo, mesmo que a passos lentos e curtos, uma consciência ambiental. Mas resta-nos perguntar: o que se entende por meio ambiente? COUTO (2007, 2015, 2016) vai dizer que o meio ambiente deve ser entendido como o ecossistema integrado, organismos, território e a língua. Seria conceber que tudo está interligado em uma unidade, nada pode ser visto a partir de partes isoladas, as matas, as pessoas, os animais, a atmosfera, etc., todos os componentes que regulam aquilo que chamamos de vida.

Dessa maneira, poderíamos pensar como a escola tem se comportado para potencializar a geração de uma mente mais humana, cuja percepção seja sempre horizontal e não hierarquizada, entendendo e reforçando a noção ecossistêmica de mundo, orientados pelos currículos oficiais que disciplinam as ações educacionais no país. A essa consciência ecolinguística iremos chamá-la de eco consciência. Termo mais adequado para o nosso propósito, integrar princípios ecolinguísticos às teorias de ensino. Este estudo teve como base para suas análises alguns preceitos da ecolinguística em constante diálogo com postulações teóricas sobre o ensino na perspectiva transformadora.

Os estudos em Ecolinguística são relativamente novos, especialmente no Brasil, ~~por volta de~~ atingindo seu auge por volta dos anos 2000. As discussões educacionais com perspectivas transformadoras também se revelam novas ao se considerar a história da educação no Brasil. Cerca dos anos de 1980, período de transição da Ditadura Militar no Brasil. Nesse momento histórico pôde-se notar a retomada do pensamento crítico com a criação e recuperação dos documentos oficiais: PNLD – Plano Nacional de Livro Didático e os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, como aponta Buzen (2011), a partir de 2004, discussão sobre a Base Nacional Comum Curricular.

Durante a história da educação tem sido muito forte a dispersão mitificada sobre a segmentação do ensino, de um lado as teorias científicas de ordem acadêmica, de outro, a *práxis* escolar, vista como um corpo estranho ao academicismo. Tal situação justifica o interesse em refletir acerca deste assunto, pois serve para demonstrar como a Ecolinguística pode e deve contribuir para modular pensamentos que estejam embasados em preceitos sociais humanitários, rearticulando e contribuindo para desmistificar a ideia dicotômica, academia e escola.

O princípio da interação pode ser lido como inter-relação, haja vista que a função desempenhada e forma de abordagem é sempre pelo viés da integração entre língua(gem) e mundo. Uma forma de organizar o sistema mental, social e natural. Atualmente, a conjugação desses elementos pode ser lida como ecossistema fundacional da língua (COUTO, 2016). A tese de segmentação dos ecossistemas foi historicamente difundida ao longo do século, especialmente pelas correntes Iluministas francesas que defendiam um plano cartesiano, ou seja, um sujeito uno, dono da razão, e a dicotomia *res extensa* e *res cogita*:

[...] no centro da “mente” ele colocou o sujeito individual, constituído por sua capacidade para raciocinar e pensar. “*Cogito, ergo sum*” era a palavra de ordem de Descartes: “Penso, logo existo”. Desde então, essa concepção de sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, tem sido conhecida como o “sujeito cartesiano” (HALL, 2003, p. 27).

É contra essa base de pensamento unitário e autocentrada que a Ecolinguística tem se posicionado, constantemente defendendo direitos coletivos, práticas harmônicas e integradas de todas as

coisas no meio ambiente/mundo. Dito isso, seguimos para a pergunta: a Base Nacional Comum Curricular apresenta princípios da Linguística Ecolinguística? Se sim, de que maneira isso acontece? A justificativa para a investigação do material se deu por observar a necessidade em conhecer de que maneira os documentos oficiais compreendem os preceitos ecolinguísticos, ao mesmo tempo, poder afirmar a necessidade de se fortalecer, a partir de uma materialidade real, as pesquisas nessa área. Ou seja, o objetivo fundamental em buscar no plano material afirmação positiva de que a Ecolinguística não é apenas uma teoria, mas que, sim, ela possui uma prática, está no mundo concreto e tem possibilidade de se fortalecer mediante transformação de uma mente eco consciente.

Diante da proposta desta pesquisa podemos afirmar que a discussão encontra legitimidade quando se pensa em escala global sobre as transformações no ritmo de vida das pessoas, expectativa de vida, preocupação com fatores climáticos, maior solidariedade entre as pessoas, defesa dos animais, valorização da diversidade e outros. Todos esses apontamentos servem como gatilho para a transformação na nossa forma de agir e de pensar sobre o mundo. Essas questões apenas reforçam a importância de se tentar manter um diálogo entre postulações ecolinguísticas e os espaços educacionais.

Para desenvolver as análises propostas, tomamos como base dois autores que oferecem uma visão geral sobre as duas *epistemes* orientadoras deste estudo COUTO (2007, 2015, 2016) e (NAKAD, 2016). O primeiro representa o precursor da Ecolinguística praticada no Brasil, Dr. Hildo Honório do Couto, professor titular da Universidade de Brasília (DF). O segundo traz importantes e densas contribuições sobre a configuração educacional no país, nas suas mais diversas dimensionalidades, aspectos socioeconômicos, políticos e geográficos. Pode-se afirmar que ambos contribuíram substancialmente para as reflexões que foram feitas ao longo deste trabalho.

O *corpus* a ser analisado se constitui de sete competências esperadas dos alunos para o ensino médio de língua portuguesa: *Competências Específicas de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio*. Diante desse material, restou-nos encontrar aspectos, noções e/ou sinais de movimentos ecolinguísticos, que de alguma maneira, sugerem a noção de Interação (Inter-relação); Diversidade e Defesa da vida, ambos conceitos foram retirados da obra (COUTO, 2016). Obra que reuni uma coletânea de artigos cujo objetivo é oferecer um olhar geral e profundo para a ciência ecológica da linguagem. O esperado é que isso possibilite refletir com maior afinco acerca da real necessidade da Ecolinguística e, obviamente, seus pressupostos servirem como legítimos potencializadores para a construção de uma eco consciência no ensino.

Esta pesquisa segue abordagem metodológica documental, pois visa refletir mais profundamente e criticamente sobre documentos já existentes. É uma forma de conhecer, reavaliando e reinterpretando conceitos e/ou visões científicas já postuladas. Essa postura metodológica permite aproximações com a verdade, não o alcance real, mas aproximado, por vias processuais e sistemáticas de análise para se

alcançar uma forma de saber científico. Sobre a noção do saber na pesquisa: “[...] o saber é uma construção humana estreitamente vinculada a valores, crenças e atitudes das pessoas imersas na realidade a ser avaliada, e o interesse da avaliação se centraliza em captar a singularidade das situações particulares e suas características” (SANDÍN ESTEBAN. 2010, p. 92).

Assim, queremos tentar refletir de que maneira é possível estabelecer uma relação harmônica que vise a contribuição inter-relacionada dos ecossistemas linguísticos. Para isso, é preciso entender como a Ecolinguística pode funcionar fornecendo aparato reflexivo na produção de uma eco consciência a partir das competências para o Português do ensino médio na BNCC. Como em supra, a Ecolinguística é relativamente nova, apesar de contar com muitas produções e grupos de estudo, um deles, NELIM – Núcleo de Estudos Ecolinguísticos e Imaginário, na Universidade Federal de Goiás sob coordenação da Profa. Dra. Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, professora titular da instituição.

Há alguns trabalhos que discutem sobre a Base Comum, entretanto, não estão firmados no que se programou para este estudo. Uma das literaturas científicas levantadas se denomina *Incoerências e Inconsistências da BNCC de Educação Física* (NEIRA, 2018). Ainda que ele esteja no campo da educação física não deixa de funcionar como uma exploração científica, visto que objetivou um confronto investigativo para com a noção curricular de um projeto de sociedade para o país. A proposta tem teor diferente do que se objetivou neste artigo, tanto no material analítico quanto a problemática a ser respondida.

Outro estudo que também investigou na seara da Base Comum Curricular é *A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso* – por Monica Ribeiro da Silva (2018). Nessa pesquisa a autora demonstra como a elaboração da proposta curricular não é algo novo, apenas vestindo uma roupagem discursiva como se o fosse. A análise da autora se refere há duas décadas, olhando para enunciados que foram há muito, sufocados pelas disputas de poder. Também aqui podemos ver que não se trata do empreendimento proposto neste, visto que não tem como base teórico-metodológica orientacional a Ecolinguística.

NAKAD (2016) investiga na sua dissertação de mestrado os desafios para a implementação da Base, o autor faz uma profunda e detalhada análise estatística em gráficos e legendas, explicitando as desigualdades sociais, políticas, geográficas etc. Somados a esses estudos, muitos outros podem ser encontrados, até porque a Base começou a ser implementada recentemente, algo que dá margem para pesquisas e inúmeras discussões. Esses trabalhos investigativos funcionam como subsidio legítimo para confirmar a proposta inovadora do estudo.

Diferentemente do que queremos aqui, refletir sobre a interação entre os postulados da ecolinguística e a Base Educacional, os trabalhos anteriores são mais analíticos, mais direcionados a investigar a base em si. Com isso, é coerente afirmar que a Ecolinguística pode estar embrionariamente

ocupando espaço na educação, ainda que a passos curtos. Então, se faz legítima a tarefa de aprofundar as reflexões de como a Ecolinguística aparece também nos documentos oficiais, fornecendo elementos positivos para construção e desenvolvimento integral do ecossistema (organismos, território e língua).

A fim de seguir uma linha de pensamento coerente e explícita este estudo se divide em três partes fundamentais. O primeiro capítulo apresenta uma visão geral da Ecolinguística: alguns dos seus pressupostos teóricos fundacionais, sua história e seus objetivos. O segundo capítulo discute sumariamente um pouco sobre o processo da história e da consolidação da BNCC, passando pelos seus desafios até a sua elaboração. O terceiro e último capítulo articula paradigmas ecolinguísticos com a Base Nacional Comum Curricular, objetivando encontrar princípios ecológicos integrados de alguma maneira nas sete competências para o ensino de Português do nível médio.

1 ECOLINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O PARADIGMA ECOLÓGICO DA LINGUAGEM

Os estudos sob orientação ecológica da linguagem não são recentes, há muito tem-se tentando articular ciências de outras naturezas à ecologia biológica. Podemos dizer que a Ecolinguística atende a esse modelo, sendo ela de base ecológica, sustentada em preceitos da ecologia biológica. Esse paradigma de conhecimento científico aparece no Brasil por volta dos anos 1990, antes disso, era praticada por estudiosos em diferentes países, dentre eles na Alemanha. As raízes ecolinguísticas da linguagem podem ser encontradas muito antes na filosofia humana, como aponta (COUTO, 2016, p. 15) “A preocupação com as relações entre língua/linguagem e mundo recua no tempo encontrando seus ramos lá na filosofia da Antiguidade, sobretudo sob a forma de relação palavra-coisa”.

Assim, não é custoso afirmar que o desejo por inter-relacionar língua(gem) e mundo é diacronicamente latente ao ser humano. Dessa forma, podemos conceber Ecolinguística como um conjunto de conhecimentos científicos que se preocupa com questões ecológicas associadas à língua(gem). Dito de outra maneira, dentre tantos princípios que subjazem a teoria está a busca por uma integração ecossistêmica. O seu ecossistema geral é constituído por três partes principais, mente (mental), organismos (social) e mundo (natural). Desse modo, a visão de mundo e as categorias de análise da Ecologia profunda são direcionadas para o estudo da língua. Ou seja, a Ecolinguística é a interação comunicativa dos falantes de onde emerge as suas práticas enquanto agentes de uma comunidade, atuando dentro de um território.

De acordo com Couto, Couto e Borges (2015), o mais importante dos seres vivos são as interações destes com o mundo e consigo mesmos, por essa razão que a plena realização de todas essas inter-relações compõe a própria vida. Desse modo, os princípios ecológicos propõem a ideologia da vida como norteadora de suas análises, como uma abordagem abrangente e holística, (COUTO; COUTO;

BORGES, 2016), aliada a uma postura prescritiva de minimização de todo tipo de sofrimento causado por uma relação desarmônica. É a defesa da vida em todas as suas realizações em nome da harmonia, no sentido de propor intervenções para a suavização dos conflitos.

Além da ideologia da vida, mais dois conceitos são basilares e muito presentes nas postulações e direcionamento analítico para os linguistas que se aventuram por este campo do saber, a noção de diversidade e a de interação. Diversidade aqui, é tomada no seu sentido positivo, de complemento, visto que, todo o sistema de fauna e flora só se tornam ricos quando há uma complexa diversidade que os constitui. É o mesmo princípio se comparado a alguns países, como a Índia, por exemplo. Esse país se torna abundante, em uma perspectiva ecológica, por apresentar uma diversidade linguística tão rica, o que faz também, com que o seu espaço cultural seja construído por variações culturais (COUTO, 2016). Uma floresta com apenas uma espécie de planta e/ou animal é indiscutivelmente considerada pobre.

O termo interação tem sido historicamente explorado ao longo da construção do conhecimento humano. Os estudos sociológicos constantemente retomam esse conceito. Para Bakhtin, por exemplo, a interação é vista por uma ótica sociológica, ou seja, de interação social. O sociólogo Erving Goffman (2011, 2012), ao discutir sobre os papéis sociais em interação compreende de maneira semelhante a apresentada por Bakhtin (2003).

A interação, para os Ecolinguistas, a definição se formula um pouco mais complexa, mas não menos importante, visto que “se o ecossistema é o conceito central da ecologia, **interação** é conceito central do ecossistema” (COUTO, 2016, p. 2012). Além disso, a própria ciência aqui tratada se configura sincrética de modo que bebeu em fontes como a biologia, a física, o taoísmo, filosofias orientais, linguística etc. Isso tudo contribuiu para dar contorno à noção de interação no estilo ecolinguista “[...]o **ecossistema linguístico** é composto de um povo (P), vivendo em seu território (T) e interagindo verbalmente mediante sua própria língua (L) ” (COUTO, 2016, p. 219). Esse é o conceito de interação na ecologia da linguagem, inter-relação ecossistêmica.

Além dos três elementos em discussão, ideologia da vida, diversidade e interação, há outros que edificam a ciência ecológica da linguagem. Entretanto, não nos deteremos a eles, pois não serão necessários para a discussão aqui proposta. A partir destas colocações pode-se pensar que ao se posicionar contrária ao sofrimento, defendendo a vida, nas suas mais diversas formas de apresentação. Isto é, a ecolinguística reivindica uma forma de ética-social compromissada com a vida harmônica, funcionando como um caminho para minimizar toda forma de sofrimento.

O conceito de diversidade e interação, ecolinguisticamente falando, podem ser considerados de máxima relevância para defender o princípio básico da ciência ecológica linguística, a defesa da vida. Couto (2016, p. 293-294) “[...]diversidade é a condição básica para o funcionamento da consciência humana [...] de modo que, se a consciência é o que nos define como seres humanos, então a diversidade

torna-nos humanos”. Assim, a diversidade é o elemento essencial na construção da consciência, sendo ela produto inerentemente coletiva e divergente de uma gênese baseada em uma forma de psicologismo individualista.

Os pressupostos teóricos do paradigma científico ecolinguístico estão em completa harmonia com a noção de moral, consciência integralista (ecossistêmica) e de valorização cultural que se expressa na conservação da língua(gem). Dessa forma, podemos inferir que nos posicionamos, norteados pela ideia da defesa da ideologia da vida, pelo apoio à diversidade e com sentimento de interação (inter-relação) uns com os outros e o mundo, estamos, sem dúvida alguma, inseridos em uma noção e em uma *práxis* de eco consciência.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC: HISTÓRIA, OBJETIVOS E DESAFIOS

O material em análise neste estudo, as sete competências esperadas dos alunos do ensino médio em língua portuguesa, servirão como produto para qual o olhar da ciência ecológica será direcionado. Sendo o objetivo geral encontrar aspectos de três princípios da Linguística Ecológica: diversidade, interação/inter-relação e defesa da vida. Para isso, é preciso antes de tudo, refletir sumariamente sobre a formulação da Base Comum. Assim, podemos afirmar que o ensino e a discussão dissociada nesta orientação filosófica linguística não é possível, tudo deve estar articulado. O ensino produz consciência, esta, por sua vez, conduz a ações que também conduzem ao ensino. Ou seja, é sempre um círculo que se autogerencia.

A história da BNCC não é algo novo como faz crer os discursos político-partidários, é, antes de tudo, produto de um trajeto textual em que congregou ideias e ações. A própria Constituição promulgada em 1988 traz inúmeros artigos e *caputs* sobre o ensino igual e autônomo, como aparece em incisos – II Resguarda o direito à liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber. Inciso – III Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas. Inciso – VI Gestão democrática do ensino público e tantos outros. Somado a esses, documentos oficiais governamentais também apontam e contribuem para a noção de formação crítica, democrática e humana, PCNs, LDB, PNL etc. Isso confirma a falácia discursiva que supervaloriza a Base como projeto inovador e de cunho político-partidário atual, os documentos para a educação afirmam:

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB – Lei 9.393/1996, o artigo 9º estabelece a elaboração das competências e das diretrizes comuns e currículos diversos e, no artigo 26, fica determinado que os currículos da Educação Infantil, Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum. Além disso, o Plano Nacional de Educação (2014) retoma esta legislação. (MARCHAND; BAIRROS; AMARAL, p. 72, 2018)

Essas pontuações nos levam a confirmar que a elaboração da Base Comum não é algo pertencente a um fio ideológico partidário referente ao atual governo (2019), mas sim, permitem inferir que é reflexo do ranço discursivo entre ações e discussões. As deliberações iniciais sobre a Base Nacional Comum Curricular dão seus primeiros passos por volta dos anos de 2004, na então gestão do governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Após esse processo o texto vem passando por inúmeras mudanças as quais foram tomando uma forma mais direcionada e guiada por valores privados, como propriedade de um governo ideologicamente marcado. Diferentemente das suas modulações propostas inicialmente. A Base é produto de discussões conjuntas entre educadores de diversas áreas do conhecimento e Universidades do país.

Visto que a proposta geral da BNCC, em tese, é a de oferecer um ensino igualitário e de qualidade a todos os estudantes. “*Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no País por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito!*” (PÁGINA DA BNCC).¹ Parece que o objetivo tem suscitado críticas de pesquisadores na área da educação, afirmando eles que o documento curricular não atende às reais possibilidades do Brasil, ignorando os desafios de implementação, desigualdade econômica e extensão geográfica.

Algumas das razões que levaram o documento a sofrer críticas de diferentes estudiosos se deve ao fato de haver dificuldade para implementação da Base. Tendo em vista um ambiente socioeconomicamente desigual e de culturas tão díspares, elementos que se revelam marcas constitutivas do Estado:

O país possuía no ano de 2016[...] de 48,8 milhões de matrículas 5, 2,2 milhões de docentes 6, distribuídos em mais de 186,1 mil unidades escolares estaduais e municipais 7, espalhadas em cerca de 8,51 milhões de quilômetros quadrados 8, sendo muitas em áreas rurais, cujas vias não pavimentadas e o afastamento dos centros urbanos dificultam o acesso a essas localidades (NAKAD, 2017, p. 26, grifo nosso).

Esses dados aparecem na dissertação de mestrado do pesquisador conjugado a uma longa e profunda análise que demonstra a complexidade em se aplicar eficazmente e efetivamente a Base Nacional Comum Curricular no território brasileiro. Todos nós sabemos que além desses números existem muitos outros desafios, professores mal remunerados, formação docente insuficiente, salas de aula superlotadas, deficiência na infraestrutura etc. Esses desafios fazem parte de uma complexidade muito maior, que por sua vez, se associa a implicações políticas, socioeconômicas e culturais.

O mesmo autor que identifica os problemas propões também possíveis caminhos para solucioná-los, tomando como base, alternativas implementadas em países onde a Base Comum foi implementada.

¹ Página do MEC- BCNN. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 12 dez. 2019

Um dos caminhos diz respeito a “comunicação e engajamento”, ou seja, criar ambientes de diálogo para discutir a recepção e tornar a BNCC mais acessível, confirmando se o público a aceita, se eles são neutros, ou se não aceitam a proposta Curricular. Outras iniciativas são: Criação de uma plataforma *on-line*; Investimento em infraestrutura; Qualificação do docente e entre outras (NAKAD, 2016).

Apesar dessas controvérsias que configuram a BNCC não podemos negar que a proposta se figura democrática, uma vez que aparenta reunir elementos que tendem a fortalecer a noção de ecossistema, pois oferece uma vida mais justa, promovendo o respeito diante de uma diversidade nas suas mais variadas dimensões e expressões. Isso produz um diálogo com o mundo, porque uma sociedade mais consciente, automaticamente conduz a ações de respeito e harmonia com o mundo, gerando positivamente o ecossistema no qual estamos inseridos. São esses elementos ecolinguísticos que identificamos na Base, ainda que não estejam diretamente citados e/ou correlacionados à teoria ecossistêmica objetivamente.

Portanto, após discutirmos um pouco sobre ensino no direcionamento da Base Comum para deixar mais nítida a noção de educação à qual nos filiamos, de pontuar resumidamente as reflexões do cenário educacional brasileiro e entendermos a real necessidade e possibilidade de se formar uma consciência mais humana, menos egoísta baseada em valores estritamente antropocêntricos e mais ecológica na concepção ecolinguística. De modo que podemos dizer que estamos seguros em, a partir de agora, passar para o capítulo analítico, cujo objetivo principal é identificar marcas dos três princípios ecolinguísticos, diversidade, interação e defesa da vida nas competências esperadas do ensino médio para o ensino de língua portuguesa na BNCC. Algo que amplifica auxiliando no desenvolvimento de uma eco consciência. É sobre isso que trataremos no capítulo seguinte.

3 INTERSECÇÃO DE PENSAMENTOS: PRINCÍPIOS ECOLINGUÍSTICOS E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR BRASILEIRA

O estudo se iniciou com objetivo principal de encontrar traços referentes à epistemologia Ecolinguística. Ciência que tem como foco observar os fenômenos do mundo a partir de uma perspectiva ecossistêmica, de inter-relação entre os ambientes, mental, social e linguístico. Isto é, a inter-relação/integração pessoas e mundo interagindo linguisticamente. A *episteme* ecológica da língua foi conformada a partir de várias teorias, taoísmo, física, biologia, linguística etc. É a partir desse sincretismo científico que a Linguística Ecossistêmica aparece, dentre os seus objetivos, a defesa da vida funciona na tentativa de presar pela proteção da vida nas suas mais diferentes apresentações.

Há muito tempo a ideia do mito regente que polariza saberes, Universidade X Escola, tem regido o imaginário social negativamente, por apontar incongruências e/ou segmentação entre esses campos. A escola e seus preceitos comuns, fundamentalmente aparece de forma marginalizada como subserviente

ao academicismo. Apesar disso, há esforços na tentativa de unir os dois polos. É em perspectiva semelhante que se baseia este estudo, demonstrar como três princípios Ecolinguísticos aparecem nas sete competências para a língua portuguesa do ensino médio. De que forma a ciência ecológica dialoga com a BNCC, no tópico analisado, que segue na íntegra:

Quadro 1 – Sete competências para a língua portuguesa do ensino médio

Competências específicas de linguagens e suas tecnologias para o ensino médio
1 compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.
2 compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
3 utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.
4 Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.
5 compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.
6 Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
7 mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Fonte: BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 11 dez. 2019

Vejamos, na primeira competência podemos ver claramente menção indireta à valorização da diversidade linguística, na seguinte passagem, *Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais)* [...]. A partir disso, pode-se inferir que o princípio da diversidade está explicitamente marcado nessa materialidade linguística. Ressalta-se ainda que diversidade é concebida dentro dos aspectos mais diversos, especialmente linguístico, em que costelam diferentes formas de expressões sociais. Algo como já demonstrado por (COUTO, 2016, p. 293-294) “[...]diversidade é a condição básica para o funcionamento da consciência humana [...] de modo que, se a consciência é o que nos define como seres humanos, então a diversidade torna-nos humanos”.

A segunda competência da BNCC traz a seguinte passagem: *Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.* Esse trecho parece ser o que mais representa os valores da Ecolinguística explicitamente, pois fala em respeitar a diversidade em diferentes formas, em valorização a interação (inter-relação), presando pelo respeito e cooperação, logo, compreender e colaborar para com a valorização da vida. Essa definida por Couto, Couto e Borges (2015), o mais importante dos seres vivos são as interações destes com o mundo e consigo mesmos, por essa razão que a plena realização de todas essas inter-relações compõe a própria vida.

A terceira competência esperada dos alunos para a disciplina de linguagens dialoga nitidamente com questões ambientais, quando afirma: [...] *consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.* Esse pensamento ambiental, por muito tempo definiu conceitos e práticas analíticas da Ecolinguística praticada fora do Brasil (Cf. COUTO, 2016), pois se acreditava que ao falar de eco, estava-se falando simultaneamente de ambiente apenas, mas a linguística ecológica atual avançou nas considerações, demonstrando que não é apenas esse o olhar necessário e suficiente para o paradigma de conhecimentos ecolinguísticos.

Na competência quatro lê-se: [...] *bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.* Ao cobrar por uma forma de militância, conseqüentemente está se exigindo uma postura de valorização da diversidade, do ser na sua essência da diferença ontológica. Isso leva a considerar, mais uma vez, que os princípios ecológicos aparecem também neste trecho da Base, mesmo que eles não estejam visivelmente marcados pelo da teoria.

As competências cinco e seis ao valorizarem a diversidade e a interação, automaticamente, tendem a oferecer elementos que levem a valorização da vida, expressa na forma de relações harmônicas. Já a competência sete expressa a interação vista e definida nos modelos conceptuais da Ecolinguística. O trecho da competência traz a seguinte ideia: [...] *de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.* Considerando a colaboração, o aprendizado constante, o reconhecimento e atribuição de valores no campo da ciência pede-se indiretamente que tenhamos um olhar mais ecossistêmico, mais integralista, menos antropocêntrico e mais eco consciente. Essa noção também é corroborada por Couto e Borges (2015) o mais importante dos seres vivos são as interações destes com o mundo e consigo mesmos, por essa razão que a plena realização de todas essas inter-relações compõe a própria vida.

A partir das colocações antepostas, é possível afirmar que a BNCC tenta cumprir sua função principal, oferecer uma educação de qualidade para todos os alunos sem discriminação social. Ao avocar

princípios da Linguística Ecolinguística pode-se inferir uma tentativa de aproximação entre as teorias elitistas da academia com as teorias da escola, rompendo com a dicotomia anteriormente apresentada. Demonstrando que o documento curricular não apresenta explicitamente e marcadamente elementos ecolinguísticos. Apesar de os ranços conceituais dessa ciência de pensamento estarem ali presentes. Assim, espera-se que este trabalho possa endossar o interesse em dialogar com as teorias de ensino, visto que só a partir disso é que se pode efetivamente pensar em uma proteção da vida em âmbito geral, mais inter-relacionado com o mundo a fim de desenvolver uma eco consciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do material proposto neste estudo podemos dizer que o nosso objetivo foi alcançado, ou seja, há presença de princípios linguísticos ecolinguísticos que subjazem a Ecolinguística praticada no Brasil dentro das competências educacionais da Base Nacional Comum Curricular. Isso serve como reforço para implementação, difusão e potencialização dos estudos nesta perspectiva teórico-metodológica para produção de outros materiais e outras pesquisas.

Nas sete competências analisadas para o ensino de língua portuguesa do ensino médio, a Base Comum oferece os três fundamentos contidos na Ecolinguística, valorização da diversidade, interação e valorização da vida. Pode-se afirmar que esses valores são norteadores de uma atitude mais humana, em empatia com as outras espécies e formas de vida do nosso planeta, ideia que confronta com o panorama atual, xenofobia, racismo, homotransfobia, degradação do meio ambiente e pouca valorização das grandes matas.

Portanto, o trabalho também contribuiu para se pensar no diálogo possível entre o universo acadêmico e as práticas desenvolvidas em salas de aula. Demonstrando que os polos não se anulam ou se isolam, muito pelo contrário, podem e devem estar em constante atividade comunicativas de interações simbióticas a fim de regimentar uma eco consciência. A partir disso, e em apoio a outras pesquisas pode ser que futuramente os documentos oficiais tragam linguisticamente marcado o nome Ecolinguística como forma de orientação de práticas e pensamentos mobilizadores para uma sociedade baseada na justiça, no respeito ao mundo e onde a proteção da vida seja uma normativa, não uma opção.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. *Constituição de 1988*. Constituição da república federativa do Brasil. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/ind.asp. Acesso em: 07 de nov. 2019.

BUZEN, C. *A fabricação da disciplina escolar Português*. Revista diálogo educacional, Curitiba, v.11, n.34, p.885-911, set/dez. 2011.

COUTO, H. COUTO, E. N.; BORGES, L. *Análise do Discurso Ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

COUTO, H. COUTO, E.; ARAÚJO, G.; ALBUQUERQUE, D. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Vol.2 ed. Goiânia: UFG, 2016. p. 528.

COUTO, H. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

HALL, S. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10. Ed. São Paulo. Edutra DP&A, 2003.

MARCHAND, P; BAIRROS, M e AMARAL, J. *A Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, as definições do Banco Mundial e os desafios da educação pública no Brasil*. In. Políticas Educativas, Santa Maria, v. 11, n2, p. 69-88, 2018. ISSN: 1982-3207.

NAKAD, F, A. *Desafios para a implementação da Base Nacional Comum Curricular*. Disponível: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/19945/MPGPP_Disserta%20a7%203%20Fabr%20Gabriel.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso: 08 jan. 2020.

NEIRA, M, G. *Incoerências e Inconsistências da BNCC de Educação Física*. In: Revista brasileira de Ciência e Esporte, v. 40, n. 3, Porto Alegre, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892018000300215. Acesso em: 03 jan. 2020.

SANDÍN ESTEBAN, M. P. *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: AMGH, 2010.

SETE competências da BNCC para o ensino de língua portuguesa no ensino médio. In: BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Disponível: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 11 dez. 2019.

SILVA, M, R, DA. *A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso*. In: Educação em revista, v. 34, 22 out 2018. ISSN: 0102-4698. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-46982018000100301&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 fev. 2020.

Title

Interlacing: Ecolinguistics and the National Curricular Common Base for Portuguese language teaching.

Abstract

Long lines of rationalist thought have dominated the sphere of knowledge supremely. Contrary to this, Ecolinguistics appears as a form of resistance, positioning itself against the exploitation of the other, individualism and unity as a constitutive and inherent agent in everything. This epistemological proposal dialogues with ecological values, based on the precepts of deep ecology, a biological field whose vision is interrelated, valuing diversity and defending life in its most different presentations, ecosystemic conception. Thus, this article set out to demonstrate how three ecolinguistic assumptions, interaction (interrelationship); diversity and defense of life, appear in the topic BNCC Specific Language Skills and Technologies for High School. The study followed a philosophical orientation based on ecolinguistic principles and on some studies associated with the Common Base. The results showed that the Base indirectly presents the three ecological principles proposed in this article. This work was structured in approach, bibliographic methodological approach. The corpus consists of seven skills expected for teaching Portuguese, in high school, proposed at the BNCC. The theoretical foundations used were COUTO (2007, 2015 and 2016) and NAKAD (2016). It is believed that the study undertaken here proved to be opportune, since there is a shortage of works that associate teaching and ecolinguistics, which contributed to the dissemination of works in the area. The research also made it possible to reflect on the scope and dimension of ecolinguistic principles on a concrete level.

Keywords

Interaction; Diversity; Defense of life; BNCC.

Recebido em: 03/03/2020.

Aceito em: 31/03/2020.